

Filosofia e disposição afetiva em *O que é isto - a Filosofia?* de Martin Heidegger

Philosophy and affective disposition in *What is this - Philosophy?* from Martin Heidegger

OLAVO DE SALLES¹

Resumo: O texto tem o propósito primário de expor a concepção de filosofia expressa pelo pensador alemão Martin Heidegger na conferência “Que é isto – a filosofia”, de 1955. O percurso exige apresentar alguns conceitos heideggerianos ali pressupostos, principalmente o de “disposição afetiva” (*Befindlichkeit*), que remonta a *Ser e tempo* (1927). Esse conceito indica uma estrutura ontológica própria do ser-aí (*Dasein*), ente “que nós mesmos somos”; enquanto tal, tem caráter originário. Trata-se da afinação prévia a toda experiência, que se vela sempre e toda vez na abertura dos humores particulares. Um dessas afinações do humor vê-se no espanto (*thaumázein*), fundamento do comportamento filosófico, segundo Platão e Aristóteles. Cabe mostrar, desse modo, como o espanto constitui-se como ‘humor’, e investigar, a partir do resultado, se a afinação pelo espanto se dá de forma universal, acometendo-nos ainda e sempre como motivo do filosofar, ou se é algo particular aos gregos. Indica-se já, desse modo, a importância do conceito de disposição afetiva para a compreensão da conferência e, simultaneamente, a pergunta pelo sentido e medida em que “*Befindlichkeit*”, em uma de suas modalidades fundamentais, esclarece o comportamento filosófico.

Palavras-chave: Heidegger. Disposição afetiva. Comportamento filosófico. Filosofia grega.

Abstract: The text has the primary purpose of exposing the conception of philosophy expressed by the German thinker Martin Heidegger at the conference "What is this - philosophy", 1955. The course requires presenting some concepts Heideggerian there presupposed, especially the one of "affective disposition" (*Befindlichkeit*), which dates back to *Being and Time* (1927). This concept indicates an ontological structure proper to being-there (*Dasein*), "we ourselves are"; as such, has an original character. It is the prior adjustment to all experience, which is always kept in the opening of the particular moods. One of these mood tunings is seen in the amazement (*thaumázein*), the foundation of philosophical behavior, according to Plato and Aristotle. In this way it is possible to show how the astonishment is constituted as 'humor', and to investigate, from the result, whether the attunement by the astonishment takes place in a universal way, still coming to us always as a reason for philosophizing, or whether it is something particular to the Greeks. The importance of the concept of an affective disposition for the understanding of the conference and, at the same time, the question of the meaning and extent to which *Befindlichkeit*, in one of its fundamental modalities, clarifies philosophical behavior is indicated.

Keywords: Heidegger. Affective disposition. Philosophical behavior. Greek Philosophy.

1 Introdução

Que é isto – a Filosofia? É essa a questão de que se trata neste trabalho. A

¹ Graduando em Filosofia da UNIOESTE. E-mail: olavo.salles144@gmail.com.

conferência “*Was ist das – die Philosophie*”, foi proferida pelo filósofo Martin Heidegger em 1955, 28 anos após a publicação de *Ser e Tempo*, sua principal obra. A questão do título de um modo ou de outro já tocou ou deve tocar a todos nós, envolvidos com a filosofia, por isso a resposta à questão deve ser um diálogo com a própria filosofia, isto é, uma resposta *filosófica*.

Que diz Heidegger na conferência, em termos gerais e introdutórios, a respeito da filosofia? Para responder à questão ele aponta um caminho específico: volta sua atenção à palavra grega *philosophía* e de lá retira seu significado mais *originário**. É em Heráclito que Heidegger vê o ponto de partida para sua resposta: filosofar é *philein tò sophón*. *Sophón* é a unicidade do todo e seu significado. Esta constatação, por trivial que possa ser, causou espanto aos gregos – ao visualizar a própria articulação da realidade através do *sophón* sentiram-se fora dela, em desarmonia. A maneira de lidar com o espanto não foi outra se não *buscar* o *sophón*. A busca pelo *sophón*, isto é, o *philein tò sophón* é o início da filosofia, que se dá pela pergunta: “Que é o ente, enquanto é?” (HEIDEGGER, 1996, p. 32). O espanto é *um modo de disposição afetiva*, ele deu princípio e fundamento para o comportamento filosófico dos gregos – o que é, no entanto, a disposição afetiva?

O próximo passo de Heidegger é justamente este, ligar o que foi dito a suas noções de disposição afetiva (*Befindlichkeit*) e de ser-aí (*Dasein*), presentes em *Ser e Tempo*; é aqui que este trabalho se fundamenta. O termo ser-aí não significa tão simplesmente um ‘ser que está aí’, mas o ente que é ele mesmo o aí; o ser-aí não é, um ente específico e determinado, mas o próprio campo de sentido em que todo ente pode articular-se. O ser-aí se afina a um humor e por meio dessa afinação seu ser se abre de um modo ou de outro, de acordo com o próprio humor; aquilo que primeiramente possibilita a afinação e a *des*-afinação é a disposição afetiva; ela é, por sua vez, anterior aos humores particulares, e concatena toda experiência do ser-aí.

O espanto (*thaumázein*) é um humor pelo qual o ser-aí pode estar afinado, pois é de sua constituição fundamental a capacidade de contemplar (*theorein*) a articulação da realidade, isto é, o *sophón*. Será o espanto, mencionado pelos gregos como raiz do filosofar, uma afinação ou tonalidade afetiva que unifica e dá consistência ao ser-aí?

Aqui já se delimita o trabalho que teremos daqui em diante, cabe-nos primeiramente explicar com mais precisão a noção de disposição afetiva e então ligá-la ao tema da origem do comportamento filosófico – mediante questões como: é necessário que o espanto seja constante por ser ‘fundamento’? Como um modo de disposição abre o ser-aí a um comportamento?

2 A disposição e os humores

Que é a disposição ou tonalidade afetiva? Certamente temos em vista os afetos e humores, mas em que medida isso tem relação com uma ontologia? Heidegger certamente deixou claro que a investigação da disposição afetiva não é uma psicologia de humores. De fato, pode-se dizer: “hoje, encontro-me alegre”. Alguém que diz isso verdadeiramente está *afinado* neste humor, isto é, disposto dessa forma específica. Porém, Heidegger diz que as tonalidades afetivas não são manifestações paralelas e específicas, mas justamente o que determina *desde o princípio* a convivência. A tonalidade afetiva é anterior a um humor, como uma atmosfera, na qual estamos sempre imersos. É a partir da tonalidade afetiva que podemos afinar e nos afinamos em um humor ou outro (HEIDEGGER, 2003, p. 80).

O que significa a anterioridade da disposição? Ora, estamos *sempre* dispostos de uma forma ou outra, afinados nos humores, mas antes disso nos *encontramos dispostos*. O fenômeno do encontrar-se é a constituição ontológica da disposição (*Befindlichkeit*) e sempre se vela frente à um humor específico (*Stimmung*). Dito de outra forma: quando estamos afinados em um humor esquecemos que para que seja possível “sentir” a atmosfera em questão precisamos de antemão da capacidade de “sentir-nos”.

Então, dito isso, quer dizer que a tonalidade afetiva é um dado que podemos extrair de nossa vivência, e até mesmo “provocar” no modo de um afeto ou outro? Heidegger diz categoricamente que não. A tonalidade afetiva precisa desde sempre se mostrar aí, mesmo despercebida, mesmo não provocada. De fato, há uma tonalidade que fundamenta nosso ser – algo como uma vibração na qual nos sintonizamos, e através disto nos afinamos no humor em questão. Essa tal vibração é *sempre e toda vez anterior ao humor*. Não só isso, ela pode também ser determinante para uma época da história, como diz Heidegger em *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão* (1929/30): “Por fim, tudo se passa conosco de um tal modo que um profundo tédio se arrasta para lá e para cá como uma nuvem silenciosa”. (HEIDEGGER, 2003, p. 92).

Podemos concluir com isso algo no sentido ontológico sobre a disposição: o modo como estamos dispostos, o humor pelo qual nos afinamos ou desafinamos abre nosso ser. Nossa constituição ontológica, nosso modo de ser, é modulado através do modo que correspondemos à tonalidade afetiva. Aqui convém expandir e ao mesmo tempo tornar mais claro o que Heidegger tem em vista. Já em *Ser e Tempo*, a tese heideggeriana da estrutura factual-existencial do ser do homem é defendida e exposta através do seu conceito de ser-aí (*dasein*). O homem é um ente dotado do modo de ser do ser-aí, ele sempre e toda vez se encontra disposto de um modo específico no mundo e que é esse humor no qual ele está afinado que determina como o seu mundo se abre para ele (CASANOVA, 2017, p. 165-166).

As tonalidades afetivas são determinantes de nossa convivência. O nosso convívio comum é afetado por um jeito, um *como* específico: em uma festa, aqueles que participam supostamente estão alegres. É possível, porém, que nem todos experimentem a festa do mesmo modo. Porém, todos estão transpassados por essa vibração comum, reagindo a ela, seja em conformidade, seja em repulsão. Podemos ver no exemplo, como nos explica Heidegger, que a disposição afetiva não é um padrão, mas um jeito no sentido de uma melodia, que não paira simplesmente sobre a experiência própria do homem, “mas que fornece para este ser o tom, ou seja, que afina e determina o modo e o como de seu ser” (HEIDEGGER, 2006, p. 81).

O que foi dito até aqui diz respeito ao fenômeno da tonalidade afetiva em geral, como breve síntese com caráter propedêutico. Cabe agora tornar a olhar para a filosofia. A filosofia é ela mesma um modo de ser. Em termos heideggerianos podemos dizer: “sou filósofo enquanto me comporto como um filósofo, e comportar-se como um filósofo é fazer filosofia”. Nossa constituição ontológica – ser filósofo – torna-se condicionada ao nosso fazer mais ôntico – fazer filosofia. É aqui que as tonalidades afetivas se mostram esclarecedoras: o comportamento filosófico é fundamentado em um humor e fundamentado diz: aberto e sustentado em seu ser. Desse modo a pergunta que nos guiará na próxima sessão é: há *uma* tonalidade afetiva do filosofar, constante e sempre presente?

3 O comportamento filosófico

O comportamento filosófico assim como todos os demais comportamentos, é aberto através da disposição afetiva. Isso nos leva a concluir que deve existir uma tonalidade própria do filosofar, assim como há uma tonalidade própria a todo comportamento. Já havia sido dito por Aristóteles no Livro Alfa da *Metafísica*: “...de fato, os homens, tanto agora como no início, começaram a filosofar devido ao admirar-se [...]” (*Metafísica*, 982b 12, 2002). O espanto ou admiração (*thaumázein*) é o humor em que os gregos estavam afinados em seu filosofar.

A questão em torno do espanto como tonalidade afetiva fundamental da filosofia nos remete ao início e fundamento do próprio pensamento ocidental. Pressupõe-se que haja, enquanto tonalidade afetiva *fundamental*, um humor afinador que impôs o homem na necessidade do questionamento inicial da filosofia – esse humor, como dito, é o espanto (*thaumázein*). Neste momento do texto, nos cabe mostrar a interpretação heideggeriana do espanto, e, além disso, responder se essa tonalidade afetiva fundamental perdurou na história.

Heidegger nos dirá previamente à investigação do es-panto: “Se quisermos conceber o *thaumázein* como esse es-panto, então precisamos insistir de antemão no seguinte: o que importa é elucidar a tonalidade afetiva fundamental do *início pensante*” (HEIDEGGER, 2017, p. 199, grifo nosso). Para uma compreensão precisa do sentido do espanto enquanto *thaumázein*, é necessária uma ilustração que se faz

numa retomada do sentido do termo grego usado exatamente na ocasião grega – a palavra nos dará seu significado original. Com isso deixaremos de lado o sentido comum e corrente do termo “espanto”, o que fará com que descartemos, ao mesmo tempo, a interpretação de que o início da filosofia foi um mero questionamento curioso. Por isso, nosso texto se guiará na exposição feita por Heidegger do sentido do *thaumázein* enquanto fundamento da filosofia grega.

Quando dissemos que os gregos visualizaram a articulação da realidade, nos referimos ao fato de que eles falavam *sobre a arkhé* – sobre aquilo que unifica e articula e sobre a articulação ela mesma. Usamos o termo ‘sobre’ propositalmente, pois ele nos ajudará a entender o espanto nos gregos. O espanto (*thaumázein*) nos abate quando aquilo que temos em mão como o mais familiar se desarmoniza com nossa compreensão e torna-se desmedido, inabitual. Como nos diz o filósofo alemão:

O habitual e o mais habitual – e a cada vez precisamente aquele elemento mais habitual, que se expande tão amplamente em sua habitualidade que também não é, de modo algum, nem mesmo conhecido e atentado em um primeiro momento – *esse elemento maximamente habitual mesmo* torna-se, no espanto, e para ele, o mais inabitual (HEIDEGGER, 2017, p. 212.).

Ora, o que é esse “elemento maximamente habitual” de que Heidegger faz referência? Podemos dizer logo de cara o que *não é* esse elemento: um ente determinado e específico, não é este ou aquele ente. A própria realidade, enquanto um *todo*, torna-se morada para esta estranheza do inabitual. A pergunta que nos guiará é: o que, na totalidade, é aquilo de mais habitual? O que é aquilo que tomamos como óbvio, evidente, e que transpassa todo ente, e que, no espanto, é desmedido para a compreensão? A resposta, diz Heidegger é “o fato de *ser* constantemente, em geral e de um modo qualquer”. (HEIDEGGER, 2017, p. 212). É quando aquilo mais “trivial”, o ente, enquanto tal, se torna digno de questão que o espanto impera como tonalidade afetiva.

Não é por outra que iniciamos essa sessão citando a Metafísica de Aristóteles, isso se justifica agora. O espanto é a tonalidade afetiva fundamental que levou ao questionamento do ente enquanto tal, isto é, do pensamento metafísico. A pergunta fundamental da tradição metafísica, “*que é o ente?*” colocou os gregos frente ao espanto.

Os gregos, ao falarem sobre a realidade e seu significado, de certo modo estavam visualizando-a, tomados pelo espanto, como que “de fora” dela mesma. Nas palavras de Heidegger, em *Que é isto – a filosofia*:

No espanto detemo-nos (être em arrêt); é como se retrocedêssemos diante do ente pelo fato de ser e de ser assim e não de outra maneira. O espanto também não se esgota neste retroceder diante

do ser do ente, mas no próprio ato de retroceder e manter-se em suspenso é ao mesmo tempo atraído e como que fascinado por aquilo diante do que recua. Assim, o espanto é a dis-posição na qual e para a qual o ser do ente se abre. O espanto é a dis-posição em meio à qual estava garantida para os filósofos a correspondência ao ser do ente. (HEIDEGGER, 1996, p. 38).

A tonalidade afetiva do espanto nos “transpõe”, através da afinação, numa “exterioridade” para com todo e qualquer ente, essa exterioridade faz com que não nos “detemos” mais com os entes. Isso significa que nossa lida cotidiana com os entes do interior do mundo é interrompida, o sentido que usualmente, ou mais precisamente dizendo, *habitualmente* possuem é posto em suspensão, a compreensão que agora, no espanto, abarca esses entes, não mais se alinha com uma medida conhecida e por isso não se sabe “dizer” esse elemento inabitual. Sobre isso, comenta Heidegger:

Essa transposição subtrai-se a toda explicação, uma vez que toda explicação tem aqui, necessariamente, vista curta demais e chega tarde demais, uma vez que ela só poderia se movimentar naquilo e precisaria se reportar apenas àquilo que só pode vir ao encontro, *na* transposição ejetante, como algo desvelado. Toda explicação depende do ente já desvelado como tal, a partir do qual apenas é possível retirar uma causa explicativa. (HEIDEGGER, 2017, p. 216-217):

212

Isso quer dizer, de outro modo: no espanto, atenta-se para o ente na sua mais extrema inabitualidade, ele ganha seu caráter inabitual exatamente no fato de que não possui aquela medida que nos é familiar à compreensão. Toda explicação de um fenômeno pressupõe *uma* compreensão do mesmo, quando essa compreensão é posta em suspensão, na ocasião do espanto, não há “ferramentas” ou “meios” para se explicar o ente.

Dizendo de outro modo, quando Heidegger nos diz na passagem que “toda explicação depende do ente já desvelado como tal”, tal sentença pretende afirmar que toda explicação é sobre o conteúdo de um ente *já significado enquanto tal*, já inserido em uma “rede” de sentido. Quando o ente é retirado dessa “rede” de sentido, já não há modo de explicá-lo em seu caráter habitual. Toda tentativa de explicação cai, necessariamente, no caso de uma “re-contextualização”, isto é, a tentativa de explicação do inabitual é sempre falha, pois tenta explicá-lo através de uma rede que não é própria àquela inabitualidade.

Apesar de tudo isso, se tem o seguinte: aquilo que é mais digno de questão, é assim em virtude de quê? Ora, afirmamos que é exatamente pelo seu caráter de “incompreensível”. Exatamente por não compreender o fenômeno, tentamos abarcá-lo em nossa compreensão. Isso explica aquela passagem em *Que é isto – a filosofia*: “O espanto também não se esgota neste retroceder diante do ser do ente, mas no

próprio ato de retroceder e manter-se em suspenso é ao mesmo tempo atraído e como que fascinado por aquilo diante do que recua”.

Sabemos, porém, que houve tentativas de explicar a totalidade do ente. Entre os pré-socráticos, por exemplo, assumindo que estavam também espantados, cada um tinha uma resposta à pergunta “que é o ente”. Mesmo assim, não importa qual tenha sido a resposta, de um modo ou de outro ela fundava, dava sentido e se encontrava presente em todo desenvolver de seu pensamento filosófico. Enquanto afinados na tonalidade afetiva do espanto, os gregos correspondiam a esta afinação por meio de sua filosofia. O comportamento filosófico grego é assim estruturado, do modo da correspondência à busca pela *arkhé* da *physis*.

Este é um modo possível de fazer filosofia, - o grego - mas não o único. O comportamento filosófico pode ter outro interesse, outra *motivação*. Heidegger dá o exemplo da filosofia moderna, que tem início com René Descartes: ali, a disposição afetiva da confiança na absoluta certeza do conhecimento a cada momento acessível permanece a tonalidade fundamental, e com isso a *arkhé* da filosofia moderna (HEIDEGGER, 1996, p. 38). Os modernos não partem do espanto diante do real; eles vão em sua captura.

Já os gregos, não obstante, se encontravam, segundo Heidegger, de um modo ou de outro, naquela posição de inexplicabilidade da totalidade do ente. O resultado disso, segundo ele, é a tendência generalizada da questão explicativa – a do porquê. Nos dirá Heidegger, em sua obra *Meditação*:

Por que, então, porém, a pergunta explicativa acerca do porquê assume o comando? Porque depois do primeiro espanto o ente perde cada vez mais a estranheza e penetra na região da *expertise* [...]. O primeiro espanto não consegue se refundar na própria origem de si mesmo e se tornar cada vez mais espantoso (HEIDEGGER, 2010, p. 225).

Isso implica na seguinte interpretação feita por Heidegger: Não há outra *resposta* da metafísica senão aquela que se fundamenta na pergunta do porquê. A pergunta quiditativa – “o que é o ente?” é a questão que direciona a uma resposta que, em verdade, sempre se desvia dessa mesma questão, e vai como que em direção à pergunta “por que o ente?”. Ora, por que isso? A resposta já foi dada. Falamos acima que, no espanto, o mais habitual se torna cada vez mais algo inabitual, e com isso o espantado se vê em uma situação onde toda e qualquer tentativa de explicação *destrói* o espanto. A destruição da tonalidade afetiva do espanto é traduzida por esse desvio da resposta da metafísica que parte da questão *quiditativa* para a questão *explicativa*.

O espanto, portanto, de fato *origina* a filosofia grega, na medida em que é metafísica. Mas o espanto não se viu capaz de se sustentar ao longo do pensamento metafísico, ele logo foi extinguido pela necessidade de explicação; nas palavras de

Heidegger: “a relação inicial grega com o ente é cada vez mais abalada pela exploração daquilo que essa relação inicialmente abriu” (HEIDEGGER, 2010, p.256)

4 A filosofia como o corresponder da linguagem

Nosso filosofar é uma correspondência ao nosso ser mais próprio, ao modo como estamos dispostos. Nosso ser – isto é, o que somos – transparece na medida em que correspondemos ao ser do ente. Essa correspondência filosófica, nos diz Heidegger ao fim da conferência, é assumida e desenvolvida através da linguagem (HEIDEGGER, 1996, p. 39). A relação entre linguagem e ser é um assunto central na filosofia de Heidegger; não nos cabe, em um trabalho deste teor, porém, uma explanação aprofundada sobre ela.

A resposta para a pergunta “Que é isto – a filosofia?” não é fixa, ela não é respondida na conferência que temos em mão. Isso não quer dizer que o texto não deixe de ser esclarecedor, pelo contrário, ele abre um caminho para trilharmos, caminho que nos interpela: Qual o humor que funda a *nossa* filosofia?

Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*: Livros I, II e II. Tradução: Lucas Angioni. Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2002.

HEIDEGGER, M. *O que é isto, a filosofia?* Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

_____. *Os conceitos fundamentais da metafísica*. Tradução: Marco Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Problemas fundamentais da filosofia*. Tradução: Marco Casanova. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

_____. *Meditação*. Tradução: Marco Casanova. São Paulo: Editora Vozes, 2010.

CASANOVA, M. *Mundo e historicidade: leituras fenomenológicas de Ser e Tempo*. vol.1: existência e mundaneidade. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017

Submissão: 10.10.2018 / Aceite: 20.12.2019